



A EDUCAÇÃO E A FILOSOFIA COMO ARTIFÍCIOS DO HOMEM NATURAL

Homero Santos Souza Filho¹

RESUMO

Será no *Emílio* que Rousseau apresentará as causas da desnaturação em toda a vida humana. Nascido sem suas faculdades plenamente desenvolvidas, o homem adquire, desde cedo, na relação com seus semelhantes, todas as paixões e os vícios da vida em sociedade. Como evitar essa degeneração do homem e formar, então, o homem da natureza, “envolvido no turbilhão social”? Eis o desafio a que se impõe Rousseau no seu tratado. “Existem tantas contradições entre os direitos da natureza e as nossas leis sociais que, para conciliá-los, é preciso deformar e tergiversar sem cessar, é preciso usar de muita arte para impedir o homem social de ser totalmente artificial”. Assim, educação e filosofia revelam-se como decisivas para a formação do Emílio. Pois, é preciso que ele “pense como filósofo”, o que significa ter seu juízo bem constituído, necessário para a vida social, para não se conduzir pelas opiniões e para “silenciar” suas próprias paixões. Somente assim, no atual estado de coisas, que o Emílio se realizará como homem natural, guiando-se pelo seu próprio juízo na observância dos erros dos homens. Pois, “o mesmo homem que deve permanecer estúpido nas florestas deve tornar-se razoável e sensato nas cidades se permanecer como mero espectador”.

Palavras-chave: Educação; Natureza; Filosofia; Homem

RÉSUMÉ

C'est dans *Émile* que Rousseau nous présente les causes de la dénaturation de toute vie humaine. Né dépourvu de ses facultés pleinement développées, l'homme acquiert depuis le début de sa vie en relation avec ses semblables, toutes les passions et les vices de la vie en société. Comment éviter cette dégradation de l'homme et former donc l'homme de la nature, « enfermé dans le tourbillon social » ? Voici le défi auquel Rousseau se met dans son traité. « Il y a tant de contradictions entre les droits de la nature et nos lois sociales, que pour les concilier il faut gauchir et tergiverser sans cesse : il faut employer beaucoup d'art pour empêcher l'homme social d'être tout à fait artificiel. » Ainsi, la Philosophie et l'éducation apparaissent comme décisives pour la formation d'Émile. Car il faut qu'il « pense comme un philosophe », c'est-à-dire, qu'il ait son jugement bien développé, nécessaire pour la vie sociale, pour ne pas se faire conduire par les opinions et pour « silencer » ses propres passions. C'est seulement de cette façon, dans l'actuel état des choses, qu'Émile s'accomplira comme un homme naturel. Car « Le même homme qui doit rester stupide dans les forêts doit devenir raisonnable et sensé dans les villes, quand il y sera simple spectateur. »

Mots-clés: Éducation; Nature; Philosophie; Homme

¹ Bacharelado e licenciatura em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrando do Departamento de Filosofia da USP.

Pode ser encontrado no tratado *Emílio ou Da Educação*, de Jean-Jacques Rousseau, uma espécie peculiar de, por assim dizer, “formação filosófica”, a qual, por sua vez, faz-se necessária ao homem natural destinado a viver em sociedade, no caso, o personagem Emílio. É notório, ainda, que essa formação filosófica do Emílio se realiza sob uma veemente crítica aos filósofos, e, conseqüentemente, ao papel que a filosofia cumpre no século XVIII. Desde o *Primeiro Discurso*, Rousseau concebe a filosofia como um dos meios pelos quais o homem se corrompe, e os filósofos, homens demasiadamente vaidosos, frequentemente mais preocupados em enganar o povo e a defender suas doutrinas, a comprometer-se com a verdade. Rousseau se perguntava:

Que é a filosofia? Qual o conteúdo das obras dos filósofos mais conhecidos? Quais as lições desses amigos da sabedoria? Ouvindo-os, não os tomaríamos por uma turba de charlatães gritando, cada um para o seu lado, numa praça pública: Vinde a mim, só eu não engano! (ROUSSEAU, 1978a, p. 349).

Já numa nota da *Profissão de fé do Vigário Saboiano*, Rousseau argumenta que o espírito filosófico não é menos funesto que o fanatismo, pois, diferentemente deste: “(...) a irreligião, e em geral o espírito raciocinador e filosófico, prende à vida, efemina, avilta as almas, concentra todas as paixões na baixeza do interesse particular, na abjeção do *eu* humano, e assim sabota secretamente os verdadeiros fundamentos da sociedade” (ROUSSEAU, 2004, p. 447).

Portanto, será outro espírito filosófico que o Emílio deverá apreender, sem a vaidade dos filósofos e comprometido, agora, com a verdade, com a humanidade e com a virtude. Ele será, assim, outro homem, diferente daquele dos dias atuais, que, tal como Rousseau o traça no *Segundo Discurso*, contém a alma corrompida, na qual “não se encontra senão o contraste disforme entre a paixão que crê raciocinar e o entendimento delirante” (ROUSSEAU, 1978b, p. 227). Por sua vez, Emílio raciocinará com sua razão bem cultivada e o entendimento bem constituído. Ele aprenderá a “ciência sublime da virtude”, a “voltar-se sobre si mesmo e a ouvir a voz da consciência no silêncio das paixões”. Esta seria a verdadeira filosofia, no entendimento de Rousseau.

Mas, como alçar até às noções abstratas da filosofia, e às ideias puramente intelectuais, dada a limitação das faculdades humanas às coisas sensíveis? Será por um graduado e prolongado desenvolvimento, partindo do objeto apreendido pela sensibilidade, que se alcançará tais noções. Pois, segundo Rousseau:

Para alcançá-las é preciso ou nos separarmos do corpo a que estamos tão fortemente ligados, ou fazer de objeto em objeto um progresso gradual e lento, ou enfim transpor rapidamente e como que de um salto o intervalo, com um passo de gigante de que a infância não é capaz e

para o qual mesmo para os homens são precisos muitos degraus feitos especialmente para eles (ROUSSEAU, 2004, p. 356).

É por aquele “progresso gradual e lento” que se desenvolve a educação do Emílio, seguindo assim a “marcha da natureza”. Sua “formação filosófica” se inicia então sem nenhuma noção abstrata ou ideia intelectual, nem mesmo será pelo cultivo da razão, visto que esta consiste numa faculdade da qual a criança é desprovida, pois ela vem por aquisição e apenas tardiamente.

Mas será pelos sentidos que começará tal formação. Eles são a primeira forma de interação e de apreensão do mundo. Dessa maneira, os primeiros aprendizados filosóficos do Emílio provêm, por assim dizer, dos órgãos do seu corpo que, desenvolvendo os seus sentidos, promovem, assim, uma primeira razão do homem, esta que Rousseau denominou de “razão sensitiva”:

Como tudo o que entra no entendimento humano vem pelos sentidos, argumenta o autor, a primeira razão do homem é uma razão sensitiva; é ela que serve de base para a razão intelectual: nossos primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos (ROUSSEAU, 2004, p. 148).

Neste caso, a primeira educação do Emílio, a “educação negativa”, cumpre uma dupla função e de suma importância para a formação intelectual deste personagem. Ela tem, ao mesmo tempo, o papel de “proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro”, constituindo-se, assim, numa barreira contra os preconceitos e os hábitos provenientes das relações com os homens, mas também, permitindo o desenvolvimento são e robusto do Emílio, ela o prepara para adquirir a razão. Como define Rousseau na sua *Carta a Christophe Beaumont*: “Chamo educação negativa aquela que procura aperfeiçoar os órgãos, instrumentos de nosso conhecimento, antes de nos dar esses próprios conhecimentos e nos prepara para a razão pelo exercício dos sentidos” (ROUSSEAU, 2005, p. 57).

Esta primeira educação, portanto, é condição primeira para a ascensão à sabedoria, pois retém a criança no campo das sensações, enquanto que seus órgãos se desenvolvem. Proporciona assim os meios necessários para o advento da razão, para que esta estabeleça relações verídicas entre as sensações, e, entre estas e as ideias que forem surgindo no espírito. Para conduzir uma criança à sabedoria, deve-se começar por esta educação negativa. Pois, assim, o aluno “logo se tornaria em vossas mãos o mais sábio dos homens e, começando por nada fazer, teríeis feito um prodígio de educação” (ROUSSEAU, 2004, p. 97).

Após sua primeira infância, Emílio alcança uma fase curta e crítica da vida (a pré-

adolescência), quando o progresso de suas forças ultrapassam os de suas necessidades (não só as forças físicas, mas sobretudo a força e a capacidade do espírito que completam ou dirigem aquelas). Nesta fase, o Emílio deverá se fiar pela “utilidade”, o que lhe exigirá o aprendizado de uma profissão, de instruções e de estudos. Agora, os progressos intelectuais do Emílio se encontram bem avançados, porém ainda muito limitados, de modo que não lhe será conveniente os “conhecimentos puramente especulativos”, nem o conhecimento avançado dos homens, ou seja, da ordem moral. Mas sim, convém fazer “com que todas as suas experiências unam-se uma à outra por algum tipo de dedução, para que com o auxílio dessa cadeia” ele possa “colocá-las em ordem em seu espírito” (ROUSSEAU, 2004, p. 231).

Sua formação filosófica se encaminhará, então, pelo ensino das ciências naturais, não em seus princípios, mas pela experiência, pela “física experimental” e pelas invenções de máquinas. Demandará assim o trabalho, o de marceneiro, ou de artesão por ser o mais próximo do estado de natureza. Portanto, seu excesso de forças será empregado com os aprendizados e as ocupações que lhe serão úteis, principalmente para a fase adulta, que está por vir, assim como sua curiosidade nascente será direcionada sobre os objetos que possam lhe proporcionar alguma utilidade.

Emílio está agora na “idade da inteligência”, momento de se empregar pesquisas “lentas e laboriosas” sobre as ciências, para torná-lo engenhoso, “descobrimos relações, unindo ideias, inventando instrumentos”, para que, assim, seu espírito não “se apague na indolência”. Avante de tais pesquisas, segundo Rousseau, “é manter o corpo em atividade em meio aos estudos especulativos (mas não “puramente especulativos”)”; ele será educado assim “para o trabalho e para os usos úteis ao homem” (ROUSSEAU, 2004, p. 230), e toda sagacidade e engenhosidade daí suscitadas tornarão Emílio filósofo e homem. Como escreve Rousseau:

Se, em vez de colar uma criança aos livros, eu a ocupar numa oficina, suas mãos trabalharão em prol de seu espírito; tornar-se-á filósofo acreditando ser apenas uma operária (...) e veremos como dos jogos de filosofia podemos elevar-nos às verdadeiras funções do homem (ROUSSEAU, 2004, p. 231).

Observa-se que Emílio vai se tornar filósofo pelo estudo das ciências, passando de uma “física experimental” até a algum avanço numa “física sistemática”. Tal concepção de filosofia, que pouco a diferencia das ciências, era bem cara ao século XVIII². Por exemplo, o *Dicionário*

² No quadro dos conhecimentos humanos que D’Alembert apresenta no *Discurso Preliminar da Enciclopédia*, por exemplo, pensar sobre a física deve ser uma das preocupações do filósofo. Para não se incorrer nos equívocos que os geômetras ou os médicos algebristas cometem, pela falta de experiências, estabelecendo hipóteses incompatíveis com a natureza, os sábios e os filósofos devem certificar-se de que a única verdadeira maneira de

da *Academia Francesa*,³ de 1762, definia o filósofo como aquele que se aplica no estudo das ciências e que busca conhecer os efeitos pelas suas causas e pelos seus princípios. Assim, tal como cabe a um verdadeiro filósofo, o Emílio será conduzido nesta fase de sua educação aos estudos das ciências naturais, e também se ocupará com o aprendizado de um ofício. Contudo, diferentemente do “filósofo de gabinete”, seu corpo estará sempre em constante atividade; pelos seus olhos passarão todos os objetos naturais que lhe interessam nesta idade. É por esse percurso, ou método, que Rousseau, exercitando o corpo do seu aluno, pretende fazer com que ele exercite também seu espírito e desenvolva seu juízo, tornando-se, então, um ser reflexivo:

Se até aqui me fiz entender, deve-se compreender como, com o hábito do exercício do corpo e do trabalho manual, dou imperceptivelmente ao meu aluno o gosto pela reflexão e pela meditação, para contrabalançar a preguiça que resultaria de sua indiferença pelos juízos dos homens e da calma de suas paixões (ROUSSEAU, 2004, pp. 273-274).

Eis como Emílio deve representar uma espécie de filósofo, pois, como afirma Rousseau em seguida, “(...) é preciso que ele trabalhe como um camponês e pense como filósofo, para não ser tão vagabundo como um selvagem. O grande segredo da educação é fazer com que os exercícios do corpo e os do espírito sirvam sempre de descanso uns para os outros” (ROUSSEAU, 2004, p.274).

É por essa “educação filosófica”, por assim dizer, que Rousseau propõe alcançar, aqui, seu objetivo maior nesta fase da vida do seu aluno: fazê-lo adquirir o juízo. Mas, não tal como os doutos, cuja “vaidade de julgar fazendo ainda mais progressos do que as luzes, cada verdade que eles aprendem é acompanhada de cem juízos falsos” (ROUSSEAU, 2004, p. 277); nem com a curiosidade e a dependência enormes do filósofo, este vaidoso, que depende de todo mundo, sobretudo de admiradores.

Emílio deve tornar-se homem judicioso, “filosofando” de maneira a produzir juízos verdadeiros, porque na ordem social não se pode mais escapar da dependência de tudo. Portanto, a ignorância e a indiferença em relação às coisas e aos homens não lhe são mais convenientes. Devido às condições sociais presentes, o Emílio é educado para ser “um selvagem para morar nas cidades”. Neste caso, aquelas inclinações do selvagem, propriamente dito, devem ser superadas. Devendo tornar-se homem social, ele precisa, então, tomar partido dos homens e viver, “(...) senão como eles, pelo menos com eles” (ROUSSEAU, 2004, p. 278). Será preciso

filosofar, em Física, consiste, ou na aplicação da análise matemática às experiências, ou na simples observação, esclarecida pelo espírito de método, ajudada algumas vezes por conjecturas, quando podem fornecer ideias, mas severamente liberta de qualquer hipótese arbitrária.

³ *Dictionnaire de l'Académie Française*, 4^e édit., 1762.

que Emílio, com o surgimento das novas relações impostas pela sociedade, aprenda então a “bem julgar”.

Eis aí o objetivo desta educação, conveniente nesta fase da vida do Emílio, a qual pretende fazer dele um filósofo, no sentido daquele que conhece as leis da natureza, mas, sobretudo, no sentido de estar dotado, pela educação, do juízo são, capaz de fazer bons juízos, ou seja, de discernir as reais relações que se encontra no mundo. Para que se ensine a julgar corretamente, é preciso simplificar as experiências até que se possa dispensar delas, sem incorrer em erro. Segue-se, então, que, como sintetiza Rousseau todo esse aprendizado:

(...) depois de ter verificado por muito tempo as relações dos sentidos um pelo outro, é preciso ainda aprender a verificar as relações de cada sentido por si mesmo, sem necessidade de recorrer a outro sentido; então, cada sensação tornar-se-á para nós uma ideia, e essa ideia sempre será conforme a verdade. Este é o tipo de aquisição com que procurei preencher esta terceira idade da vida humana (ROUSSEAU, 2004, p. 278).

Se nesta terceira idade da vida humana⁴ Emílio desenvolveu bem o julgamento, produzindo ideias conforme a verdade, para que ele se torne também homem social, será preciso, ainda, que o objeto de suas reflexões seja outro na nova etapa da sua educação. Nesta próxima idade da vida humana, a qual se pode nomear de “idade da razão e das paixões”, o Emílio será conduzido ao estudo do homem. Será este, agora, o objeto do seu “filosofar”, pois é o “último estudo que cabe a um sábio”.

Está-se, agora, na juventude do Emílio, fase da vida humana quando surgem as paixões provenientes das relações com os homens, o que o levará a comparar-se com os seus semelhantes e a desejar ser o mais estimado dos homens. Diz Rousseau: “Eis o ponto em que o amor de si transforma-se em amor-próprio e onde começam a nascer todas as paixões que dele dependem” (ROUSSEAU, 2004, p. 324). Assim, para que no seu amor-próprio nascente prevaleçam as paixões humanas, como a benevolência, é preciso saber qual o lugar que o Emílio sentirá ser o seu entre os homens, e quais os obstáculos que ele acreditará ter de vencer para alcançar este lugar. Como afirma Rousseau: “Para guiá-lo nessa busca, depois de lhe ter mostrado os homens pelos acidentes comuns à espécie, é preciso agora mostrar-lhes por suas diferenças. Aqui se dá a medida da desigualdade natural e civil, assim como o quadro de toda ordem social” (ROUSSEAU, 2004, p. 325).

Emílio deverá agora estudar os homens pela sociedade, e esta pelos homens, a fim de

⁴ Segundo Rousseau, essa terceira idade da vida humana é a que antecede a adolescência. Portanto, seria o que se pode chamar de pré-adolescência.

ver “como a sociedade deprava e perverte os homens”. Ele precisará conhecer, assim, o coração humano, vendo-o sob as máscaras pelas quais os homens se representam, e compreender como que, por causas externas, as inclinações naturais se transformam em vícios. Para tanto, é preciso mudar de método e “instruir o jovem mais pela experiência dos outros do que pela sua própria”, ou seja, ele deve observar os homens em suas ações. Mas, para que as observações do Emílio não o tornem indiferente, ou que ele se habitue aos vícios humanos, será necessário que ele as faça afastado do espetáculo do mundo. E o recurso para as suas observações não será, entretanto, a Filosofia, mas sim a História, como afirma Rousseau: “Este é o momento da história; é por ela que ele lerá nos corações sem as lições da filosofia; é por ela que os verá, simples espectador, sem interesse e sem paixão, como juiz, não como cúmplice nem como acusador” (ROUSSEAU, 2004, p. 328).

Será pela leitura dos livros de história, bem selecionados, que o Emílio adquirirá uma “filosofia prática”, mais conveniente que as especulações filosóficas. São leituras que revelam as verdadeiras motivações dos fatos históricos e o indigno espetáculo do gênero humano, mas também é com a leitura das vidas de homens dignos, como as que Plutarco escreveu, que o Emílio, com o seu “juízo íntegro e coração sadio”, extrairá uma verdadeira filosofia pelas lições da história.

Certamente, com as disposições naturais do aluno, por pouco que o professor traga de prudência e de escolha em suas leituras, por pouco que o coloque no caminho das reflexões que delas deve extrair, esse exercício será para ele um curso de filosofia prática, sem dúvida melhor e mais bem compreendido do que todas as vãs especulações com que se confunde a mente dos jovens nas escolas (ROUSSEAU, 2004, p. 335).

Se Rousseau deseja fazer do Emílio um filósofo, o texto da *Profissão de fé*, ao se desenvolver em constante crítica aos filósofos, cumprirá um papel importante para esta formação. Seu intuito é servir de exemplo “da maneira como podemos raciocinar com nosso aluno”, e que a religião natural é o ponto onde se pode chegar, quando se raciocina somente com as luzes. Como explica Rousseau, “enquanto nada concedemos à autoridade dos homens nem aos preconceitos do país onde nascemos, as luzes da razão sozinhas não podem, na escola da natureza, levar-nos mais longe do que à religião natural, e é a isto que me limito com meu Emílio” (ROUSSEAU, 2004, p. 450).

Mas é para a formação moral do Emílio, sobretudo, que o texto da *Profissão de fé* exerceu sua função pedagógica. Pois, as reflexões do Vigário servirão para fazer com que se desperte no Emílio a consciência moral, fazendo-o, assim, homem virtuoso, que ama ao bem e a Deus.

A consciência, este princípio inato de justiça e virtude, nasce nas relações sociais, nessa “dupla relação, consigo mesmo e com seus semelhantes”, e, quando auxiliada pela razão, faz amar o bem, pois, afirma o Vigário: “(...) conhecer o bem não é amá-lo; o homem não tem nenhum conhecimento inato do bem; mas, assim que a sua razão faz com que o conheça, sua consciência leva-o a amá-lo: é este sentimento que é inato” (ROUSSEAU, 2004, p. 411).

É a consciência, portanto, o verdadeiro guia do homem na vida em sociedade, ou seja, na ordem moral, e encontra-se aquela no fundo do coração, desobrigando-se da necessidade das “sutilezas do raciocínio” dos doutos e dos filósofos, ou de se guiar pelas opiniões. Assim brada o Vigário: “Graças ao céu, eis-nos libertados de todo esse apavorante aparato da filosofia; podemos ser homens sem ser doutos; (...) dispomos (...) de um guia mais seguro neste labirinto imenso das opiniões humanas” (ROUSSEAU, 2004, p. 412).

Com a consciência despertada, este “instinto divino”, e a razão cultivada pela educação, que o despistou de sua sensibilidade nascente, e o desviou do mal, o Emílio passa por uma iniciação religiosa que o conduz à busca do bem, ou melhor, de sua fonte que é Deus. Afirma Rousseau: “Remontando ao princípio das coisas, subtraímo-lo ao império dos sentidos; era simples elevar-se do estudo da natureza à busca de seu autor (ROUSSEAU, 2004, p. 450)”. Emílio se torna, então, homem moral, pois, segundo Rousseau:

(...) só então ele encontra um real interesse em ser bom, em fazer o bem longe dos olhares dos homens e sem ser forçado pelas leis, em ser justo sozinho perante Deus, em cumprir seu dever, mesmo à custa de sua vida, e em carregar no coração a virtude, não apenas por amor à ordem, (...) mas por amor ao autor do seu ser. (ROUSSEAU, 2004, p. 450).

O jovem Emílio se realiza, enfim, como filósofo, bem distinto, no entanto, dessa “turba de filósofos” incrédulos, com a consciência inibida, mobilizados pelos interesses próprios e por uma razão corrompida. Ele será diferente também dos jovens da sociedade, que são levianos, despreocupados, “errando de diversão em diversão, sem nunca poder fixar-se em nada”. Emílio traz consigo uma “Filosofia do coração”, definida por Vargas (1995) como aquela “(...) fundada pela natureza e pela razão direcionada para *o que me importa*, e recusa os ‘sistemas’ e a ‘alta filosofia’, inútil e abstrata (1995, p. 320)”.

Pode-se dizer, ainda, que o Emílio cultiva uma “Filosofia do selvagem”, ou seja, de um homem “natural” que sabe julgar sadiamente os seus semelhantes, ao contrário dos filósofos corrompidos pela vaidade. Pois, trata-se de um selvagem: “(...) com a diferença que Emílio, tendo refletido mais, tendo comparado mais ideias e visto nossos erros mais de perto, mantém-

se mais em guarda contra si mesmo e só julga o que conhece” (ROUSSEAU, 2004, p. 338).

Outra diferença é que, buscando o princípio das coisas e o autor da natureza, Emílio torna-se também uma espécie de teólogo. Ao leitor desconfiado e incapaz de conceber um jovem como Emílio, Rousseau retruca: “Rireis de me ver fazer um contemplativo, um filósofo, um verdadeiro teólogo de um jovem ardente, vivo, fogoso, na idade mais fervente da vida” (ROUSSEAU, 2004, p. 451).

Eis então como que educação e filosofia consistem nos “artifícios”, por assim dizer, necessários ao homem natural, destinado a viver em sociedade, pois, como dizia Rousseau, “(...) é preciso usar de muita arte para impedir o homem social de ser totalmente artificial” (ROUSSEAU, 2004, p. 454). E assim, o Emílio é tanto filósofo, um homem da cultura, quanto um homem segundo a natureza.

Referências

ALEMBERT, J. R. *Discours préliminaire de l'Encyclopédie*. 2^e édition. Paris: Édition Louis Ducros, 1930.

BRUNET, B. *Dictionnaire de l'Académie Française* [<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k504034.r=.langPT>]. 1762. Disponibilidade: <http://gallica.bnf.fr>. [31/05/2014].

ROUSSEAU, J-J. *Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a Religião e a Moral*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

_____. *Discurso sobre as ciências e as artes*. Tradução de Lourdes Santos Machado. 2^a edição. São Paulo: Abril Cultural, 1973a (Os Pensadores).

_____. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Tradução de Lourdes Santos Machado. 2^a edição. São Paulo: Abril Cultural, 1973b (Os Pensadores).

_____. *Emílio ou Da Educação*. Tradução Roberto Leal Ferreira. 3^a edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VARGAS, Y. *Introduction à l'Emile de Jean-Jacques Rousseau*. Paris : Presses Universitaires de France, 1995.